ANO I — N.º 126 PREÇO 40 CENTA Quarta feira,

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 134

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Talhaba — Lisboa • Telefone: ?

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

NA ESPECTATIVA

Ninguêm ignora que o anterior govêrno, a despeito das suas reiteradas declarações de imparcialidade perante os conflitos entre operários e patrões, manteve sistemáticamente para com os últimos uma atitude francamente favorável, protegendo-os sem rebuço.

Viu-se isso não uma vez, mas dezenas delas. Não sucedeu assim apenas durante o período mais agudo da greve dos operrrios da Companhia União Fabril, mas sempre que entre as classes produtora e possuidora se esboçou um conflito, e quando aqueles governantes não intervinham com o pretexto de manter a ordem ou de assegurar o que êles chamavam a *liberdade de trabalho*, faziam-no mesmo sem pretexto algum que aparentemente justificasse uma intervenção da sua parte, conforme sucedeu a propósito da suspensão dos jornais, depois do admirável gesto dos nossos camaradas tipógrafos que, alugando o seu braço e não a consciência, se recusaram, num direito que a sua qualidade de homens livres perfeitamente legitima, a compor qualquer cotidiano burguês desde que *A Batalha* continuasse selada.

Então, êsse govêrno, sem o menor rebuço, colocando-se abertamente a favor dos industriais do jornalismo, levou o seu espírito de parcialidade ao ponto de oferecer primeiro polícias e depois soldados da guarda republicana e do exército, àqueles industriais do jornalismo, para que compuzessem as suas gazetas.

Tratava-se duma questão entre empresas particulares e operários que se recusavam a submeter-se ao determinado capricho das mesmas empresas, e nesse conflito, a que o govêrno, por decôro próprio, devia conservar-se absolutamente alheio, tanto mais que a atitude dos tipógrafos fôra sempre pacífica, embora não desprovida de firmeza, os detentores do Poder razão alguma teriam para intervir se por sistema não estivessem apostados em mostrar-se os mais ferrenhos inimigos da classe operária.

Ofereceram, portanto, polícias e soldados às referidas empresas industriais e fizeram-no sobretudo, disso não temos ilusões, para que não apenas os tipógrafos, mas toda a classe operária que havia louvado justamente a sua nobilíssima atitude de operários conscientes, ficasse sabendo que não tinham apenas como adversários os representantes das empresas jornalísticas, mas o próprio govêrno.

¿A que disposição legal recorrera êsse govêrno para fornecer polícias e soldados aos industriais do jornalismo? ¿Em que código, em que regulamento, em que calhamaço jurídico fôra encontrar base para mandar militares substituir os tipógrafos?

Apenas ao arbítrio, pôsto que, a despeito dos códigos encerrarem prescrições as mais atentatórias dos sagrados direitos do indivíduo na sociedade, não há disposição alguma que autorize o Poder a praticar tal acto.

Cometeu-se, portanto, uma violência e tal violência foi levada a efeito por um govêrno que, como todos os outros governos, se dizia o mais fiel observador da lei.

* * *

Outros homens se sentam nêste momento nas cadeiras do Poder. A' semelhança do que fizeram os seus antecessores, começam por dizer-nos, nas suas declarações ministeriais e nos seus discursos, que serão os mais fiéis respeitadores da lei, os mais devotados amigos da liberdade, os mais fieis observadores dos direitos dos cidadãos. Trata-se evidentemente de palavras. porque de palavras são fórteis os políticos dêste país, do primeiro ao último.

Todavia, para que o actual govêrno àmanhã não possa alegar ignorância, nós vimos denunciar-lhe, desde já, o facto de estarem, arbitráriamente, à ordem do anterior ministro da guerra, soldados e polícias a compor jornais pertencentes a empresas particulares.

Aguardamos a atitude do actual govêrno em face de semelhante atropêlo.

Temos, felizmente, boas razões para supor que o facto de estarem polícias e soldados nalguns jornais burgueses a substituir os nossos camaradas tipógrafos, não determinará a perda do movimento para êstes, e até podiamos demonstrar, sem forçar a lógica, que isso em vez de prejudicar, favorece de certo modo os nossos camaradas.

Entretanto, como o acto do anterior govêrno revela o intuito de ferir sistemáticamente os nossos camaradas em luta, estamos empenhados em verificar se os novos governantes, que tam respeitadores se dizem dos direitos de cada um, sancionam, com a sua aquiescência, semelhante arbitrariedade.

NOTAS & COMENTARIOS

É boa!

Em *en-tête* saiu-se-nos *O Combate*, de ontem, com esta:

Devido aos esforços do ex-ministro do trabalho, Dias da Silva, regressaram ontem aos seus lares as vítimas que o odio e o rancor dezembrista atiraram para as plagas africanas.

Nós supúnhamos que os camaradas de Odemira e de Vale de S. Tiago que a esta hora vão a caminho dos seus pobres lares tivessem regressado mercê da acção desenvolvida pelo Conselho Jurídico da U. O. N., e da agitação exterior da classe operária, acção e agitação estas a que *A Batalha* emprestou o melhor do seu concurso.

Iludimo-nos. O ex-ministro socialista é que arrancou os nossos camaradac às plagas africanas.

E esta?

Um fenómeno

Em Toulon, quando menos se esperava, eis se ouvem dois ribombos formidáveis, e logo a seguir o solo fende, abrindo-se uma cova de 50 metros de largura com uma profundidade de abismo insondável. A terra abre de vez em quando, e nada se perderia com isso se com o fenómeno fôssem engulidos alguns especimens humanos que as sociedades podiam perfeitamente dispensar. Pois em Toulon abriu o chão uma cova imensa; mas, por infelicidade, o Alfredo da Silva não ia a passar na ocasião.

Os acidentes e a fadiga

Numa lição sôbre a fadiga industrial, um professor inglês, J. W. Ramsbottom, lente de economia no Armstrong College, de Newcastle, referindo-se ao aumento de acidentes no trabalho, explicou:

«O número de acidentes na primeira hora de serviço é relativamente baixo, mas sobe até ao máximo após três horas de trabalho. A mesma proporção se repete depois do intervalo, o que mostra a salutar influência do descanso e refeição do meio dia.

«Conclui-se daqui que os acidentes de trabalho são em grau consideravel determinados pela fadiga, e que, se o dia de trabalho fôsse mais curto ou mais bem dividido, reduzir-se ia consideràvelmente o número dos acidentes. Em geral, a duração do dia de trabalho é presentemente excessiva, havendo por êsse motivo uma fadiga crónica na maioria das indústrias.»

E' uma das razões que levam o operariado organizado a reclamar a redução de horas. Os patrões é que não vão com essas...

Pela Alemanha

A Revolução Comunista

Fábricas assaltadas

ZURICH, 27 — Foram saqueadas em Hamburgo as fábricas de conservas que vendiam produtos de péssima qualidade, produzindo o facto lutas sangrentas.

Os comunistas de posse de Hamburgo

COPENHAGUE, 27 — Os combates travados nas ruas de Hamburgo entre as tropas governamentais e os comunistas, terminaram pela vitória total dêstes, tendo-se apoderado do govêrno da cidade. Há 185 mortos.

O govêrno defende-se

NAUEN, 28 — As autoridades governamentais de Berlim ralizaram novas buscas no edificio do Comité Executivo dos Conselhos de Operários e Soldados de Berlim e arredores.

O edifício esteve ocupado, durante 3 horas, pelas tropas governamentais, sendo estas mandadas retirar em virtude dum protesto enérgico enviado ao ministro da Defesa Nacional.

Mais combates

BASILEA, 28. — Segundo comunica um despacho datado de 26, de Hamburgo, na manhã daquêle dia, as tropas governamentais enviadas sôbre aquela cidade, conseguiram tomar alguns bairros aos comunistas.

Manteem-se os revolucionários

NAUEN, 28 — O *Berliner Tageblatt*, entre outras notícias àcêrca da situação em Hamburgo, publica o seguinte:

«Quando as tropas governamentais se apoderaram de parte da cidade de Hamburgo, uma enorme multidão apossou-se dos carros de munições e tratou de induzir as tropas a passar para a causa do povo, sob condição de se desarmarem e lançarem ao rio as munições, havendo conseguido os comissarios do povo parte do seu objetivo. O Comité de Defesa do Povo apoderou-se, no bairro de S. Paulo, de grandes quantidades de armas e munições. Continuam os sáques às fábricas de produtos de má qualidade, reinando, contudo, tranquilidade absoluta durante a noite.»

Bethmann Hollweg pretende sacrificar-se pelo ex-kaiser

ZURICH, 30. — O serviço de propaganda alemã fez publicar uma carta do ex-chanceler Bethmann Hollweg, dirigida ao sr. Clemenceau, em que aquele diz que é o único responsavel pelos actos políticos do kaiser durante a sua passagem pelo govêrno, pedindo, portanto, que seja êle julgado pelos aliados em lugar do kaiser. — H.

U. S. O. de Almada

Este organismo faz um apêlo à classe operária do país para que ninguém se preste a ir trabalhar para a fábrica de moagem do Caramujo, Almada, a fim de não trair a greve dos camaradas farinheiros que se acham em luta, pelo facto dos patrões lhe quererem impor horário de 12 horas, quando êles haviam conquistado as 8

EM PLENA REPÚBLICA

O que nos dizem os deportados

Má alimentação, maus tratos, mau alojamento — Os ★ horrores da fortaleza de S. Miguel de Loanda ★

Tendo chegado anteontem os deportados, não podia *A Batalha* deixar de colher dessas vítimas do movimento de Novembro as suas impressões àcêrca dos tormentos e privações que em Africa passaram.

Procurámos, pois, um dos ex-deportados, que imediatamente se pôs ao nosso dispor, respondendo prontamente às nossas primeiras interrogações:

— Chegámos a Loanda a 23 de Dezembro — diz-nos o nosso camarada. — Fizemos todos a viagem nos porões, onde dormiamos sôbre tarimbas, sendo a alimentação repugnante e insuficiente, constando, geralmente, de uma espécie de sopa, constituída por feijão quási desfeito, hortaliças muitas vezes em mau estado, e bocados de carne igualmente pôdre. As refeições às vezes eram compostas, em parte, com sobejos da 3.ª e 4.ª classe. Fomos transportados, depois, de bordo do *Portugal* para uns batelões, que nos conduziram a Loanda. Uma vez ali, seguimos debaixo de escolta para a fortaleza de S. Miguel. Não podes fazer idea do que aquilo é. A entrada é um túnel, que tem bem vinte metros de comprimento. Depois, entra-se num pátio, só se vendo muros, de uma grossura enorme, muito antigos, que infundem pavor. Era já noite, quando entrámos nas casernas, que se encontram cheias de imundicies, quási imersas em escuridão. E ali estivemos durante bastantes meses, dormindo sôbre o lagedo, pois nem tarimbas tinhamos.

— Mas isso é um pavor!

— Dizes tu que é um pavor e não estiveste lá! Mas podes ter a certeza, de que, apezar do que estou dizendo, ainda não podes fazer uma idea completa do que aquilo é.

— E a alimentação?

— Isso era verdadeiramente revoltante. Só a forma como ela era dada! Calcula, a comida era distribuída pelos pretos que, junto às caldeiras, transpirando abundantemente, todos cheios de porcaria, enchiam as latas. Vinha a comida sempre cheia de bichos, e era composta por arroz, feijão ou hortaliça em mau estado, a ponto de muitas vezes, a vomitarmos. Era verdadeiramente repelente! Ainda me admiro como pude resistir a um tal regime de alimentação.

— E a que é devido a alimentação ser tam má? Porventura é culpa do Estado?

— Não! O Estado dá o dinheiro suficiente para os deportados terem uma alimentação razoável. O pior é que os oficiais do rancho roubam descaradamente, a ponto do governador da colónia ser obrigado, às vezes, a mandar inspeccionar o rancho, tendo sido castigados vários oficiais por se provar à evidência a responsabilidade que nisso teem.

— ¿E os oficiais, à fôrça de serem castigados, não modificam o seu procedimento?

— ¡Qual! A ânsia de ganhar dinheiro tudo faz esquecer, e como as inspecções ao rancho são raras, tudo continua na mesma. E o negócio é tam bom ou tam mau que há oficiais que chegam a oferecer contos de réis para continuarem de serviço ao rancho.

— E a guarnição da fortaleza, ¿como os tratava?

— Os soldados não nos tratavem mal, mas os cabos e sargentos, sempre armados de cavalo marinho, espancam, sem dó nem compaixão, os presos, sendo raros os que não teem o corpo cheio de cicatrizes. E muitos não se contentam com o cavalo marinho, pois chegavam a ameaçar-nos com as pistolas.

— ¿E a que espécie de trabalhos foram destinados?

— Passavam os dias a ir buscar água, em recipientes que comportavam 20 litros, a carregar toneladas e toneladas de lenha, para a cosinha, sempre debaixo da ameaça do cavalo marinho e sofrendo horrivelmente com o sol, muito ardente naquelas paragens. Chegamos a atravessar a cidade como um rebanho de carneiros, carregados com pesos enormes, chegando a barbaridade a tal ponto, que os jornais da colónia se viram obrigados a protestar.

— E como se deram com o clima?

— Poucos dias depois de lá estarmos, começaram grassando as febres entre os deportados que, sem o mínimo confôrto, se estendiam no lagedo imundo das casernas, estorcendo-nos com dores e implorando caridade, sem um caldo para beber nem um cobertor com que se cobrissem.

— ¿Então não havia lá hospital, médicos, farmácia?

— Deportado que se apresentasse para receber curativo era corrido à bofetada pelos sargentos, sendo poucos os que conseguiram dar entrada no hospital, onde o tratamento também muito deixava a desejar. Chegou-se mesmo ao ponto de tratar melhor os condenados por delitos comuns, do que os deportados por questões sociais. Assim, ao passo que os primeiros davam entradas em enfermarias onde tinham um tratamento razoável, os segundos eram conduzidos para uma enfermaria-prisão, dormindo sôbre lona e alimentados insuficientemente. Indiscutivelmente havia o desígnio de nos matar, lançando-se para isso mão de todos os processos.

— ¿De forma que os horrorres das galés da Nova Caledónia, da Ilha do Diabo ou de Toulon, ficam a perder de vista ao lado dos presídios da democrática e liberal república portuguesa, ¿não é verdade?

— Pois naturalmente. E muito ainda tenho a contar. Mas como esta troca de impressões já vai longa, e eu desejo ir ter com minha família, da qual estive separado tanto tempo, àmanhã continuarei expondo os tormentos que em Africa eu e os meus camaradas passámos, a fim de que a opinião pública fique bem elucidada àcêrca do que são as colónias penais portuguesas da Africa.

A greve da U. F.

BARREIRO, 1.

A despeito dos inúmeros trucs empregados pelo industrial Alfredo da Silva, para *furar* o movimento grevista dos seus operários, a greve mantem-se firme e invencível estando os grevistas dispostos à luta mais intransigente, para vencer o colosso.

A moral dos combatentes é excelente, para o que muito tem contribuido toda a classe operária, com a solidariedade que lhes tem dispensado.

As fábricas do Barreiro continuam paralisados, apesar do régulo ter contratado 30 amarelos e uns 60 indivíduos recrutados na província. Sendo o pessoal fabril composto de perto de 2:000 pessoas, já se pode ver o que 90 indivíduos incompetentes, poderão fazer na fábrica.

Chegaram aqui 200 praças de infantaria 11, que imediatamente retiraram, pois parece que tinham vindo por engano. Se estas praças cá ficassem, o Barreiro transformar-se ia numa verdadeira caserna, tantas são as tropas que cá estão.

Alfredo da Silva desenvolve toda a sua actividade, no sentido de conseguir restabelecer a normalidade na *sua* fábrica. Tudo em vão. O sabujo Manuel dos Santos, foi por êle enviado ao norte para engajar operários. Conseguiu trazer 26, dizendo-lhes que a fábrica estava em laboração e que a greve fôra solucionada. Os 26 homens, mal chegaram ao Barreiro, dirigiram-se à nossa associação de classe e, verificando terem sido infamemente vigarisados, voltaram *in continenti* para suas terras.

Ontem, quando um operário foi à fábrica buscar uma roupa que lá tinha, queriam à fôrça que êle ficasse a trabalhar, chegando a guarda republicana a agredi-lo selváticamente por êle se ter recusado a aquiescer ao convite.

Estes casos repetem-se todos os dias, com indignação geral.

Gasta o régulo, com a manutenção da tropa aqui, o dinheiro mais que suficiente para satisfazer as reclamações do seu pessoal, continuando sem embargo a declarar que não pode satisfazer os aumentos.

Foram removidos da Cordoaria Nacional para a Cadeia do Seixal sete camaradas nossos que, segundo nos [illegible] não res[illegible]

estado de coisas e chamamos a atenção da classe operária para êste facto, pois aqueles camaradas não são *vádios*, tendo 5 e 6 anos de casa e família numerosa a sustentar.

Os 5 camaradas presos no Barreiro, levados para o Seixal e mais tarde para o Quartel de Marinheiros foram postos em liberdade sem a menor explicação, vendo-se por êste facto que continuamos a viver num regime de *libardade absoluta*.

O movimento vai a caminho de solução?

Reúniu ante-ontem o pessoal da C. U. F. no quintal da Associação do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, tendo os delegados ferro-viários que representando a comissão administrativa estão encarregados, como medianeiro de solucionar o conflito, explicado o pé em que o mesmo está. Esta assemblea, que foi extremamente concorrida, foi mais uma demonstração de solidariedade e estoica intransigência. Falaram vários camaradas.

— Hoje, pelas 9 horas da manhã, devem embarcar no Barreiro num rebocador, os delegados ferro-viários encarregados de solucionarem o conflito, acompanhados do major sr. Almeida, a fim de pelas 10 horas se realisar uma conferência no ministério do interior entre o presidente do ministério, ministros da guerra e trabalho, Alfredo da Silva e aqueles delegados. Espera-se que o assunto seja ali solucionado.

Alfredo da Silva enviou vários agentes seus ao norte do país, a fim de recrutarem trabalhadores para as fábricas da Companhia União Fabril. Aproveitando-se da rudesa e ingenuidade dos trabalhadores do norte, já êsses agentes conseguiram recrutar 26, residentes no concelho de Montemór-o-Novo, que, quando foram conduzidos ao Barreiro, e tomaram conhecimento da baixa missão de que se iam incumbir, se recusaram terminantemente a trabalhar. Os engaiadores já percorreram [illegible] Beiras e ou-

A Hungría superou a R[illegible]

É O QUE DIZ LÉNINE, EM MENSA[illegible] ★★★ AO SOVIET DE BUDAPEST ★★★

O regime sovietista húngaro ultrapassou em alguns pontos o seu iniciador russo e conseguiu evitar alguns inconvenientes que na Rússia tinham sido inevitáveis. E' o que diz Lénine, com a sua franqueza habitual, numa mensagem dirigida ao Conselho Central Operário de Budapest e lida na sessão de 2 de Junho:

«Entre as notícias que me são transmitidas pelos representantes dos Soviets húngaros, enche-me de júbilo o facto de parecer superar-nos o regime sovietista da Hungria.

«A coisa é compreensível, porque a Hungria tem, na sua população, um nível geral de cultura mais elevado do que nós. A passagem da Hungria pela ditadura do proletariado é incomparávelmente mais fácil, facto de particular importância.

«A maioria dos chefes socialistas europeus, social-nacionalistas e kautskyanos, cairam tam baixo que são incapazes de compreender o regime dos Conselhos operários. O proletariado não pode levar a cabo a sua histórica missão de emancipação sem se desembaraçar dêsses chefes.

«Estes prestaram fé às mentiras da burguesia a respeito do regime sovietista russo e não compreenderam o revolvimento histórico que da ditadura burguesa conduz à ditadura [illegible]ria.

«Esta ditadura exige um [illegible] placável, franco manifestar [illegible] para quebrar a resistênci[illegible] radores capitalistas e latifu[illegible] seus caudatários. Quem [illegible] preende é contra-revoluci[illegible] ser expulso dos postos dir[illegible]

«A natureza da ditadur[illegible] porêm, não é só a violên[illegible] ganização e disciplinamento [illegible] riado: a sua meta é o so[illegible] meta, é impossível alcançá-la de [illegible] E' necessária uma passagem bastante longa do capitalismo ao socia[illegible] pois a transformação da produção e [illegible] ficientes precisamos de tempo para a tr[illegible] fo[illegible] em todos os campos da v[illegible] D[illegible] do [illegible] siç[illegible] mu[illegible] sua [illegible]

«C[illegible] mund[illegible] da Rússi[illegible] tes que [illegible] tadura proleta[illegible] os socialistas. Es[illegible] tarefa — a guerra contra a E[illegible] zeis uma guerra revolucion[illegible] guerra de oprimidos contra [illegible] uma guerra pela vitória do [illegible] Perseverai, e a vitória será n[illegible]

O próximo Congre[illegible]

Duas novas teses — A ordem dos trabalho[illegible]

O dominio colonial encarado sob qualquer dos seus múltiplos aspectos é inaceitável à luz do Direito e inconveniente por incompativel com o progresso dos povos. Uma organização central, política, económica ou sindical, dirigindo de muito longe a administração dos povos, com problemas acentuadamente diferentes, com a agravante aliás muito natural, de protelar a solução dêsses problemas, dando a preferência aos da metrópole, dá o resultado de se não impulsionar o progresso dêsses povos, além de ser um regime de agressão partindo do principio do seu direito de liberdade. O problema da organização sindical das colónias tem, por ser aquele que mais directamente nos interessa, aspectos a que convêm atentar dada a sua momentosa importância.

A situação moral e material dêsses trabalhadores, sofrivel na Africa porque o seu recrutamento se faz geralmente na metrópole com a sugestão de vantagens que nem sempre são riais é pessima nos Açores; e mesmo na Africa, só é vantajosa para os europeus, porquanto os indígenas arrastam uma vida de escravidão a que é preciso pôr cobro com a indispensável prudência para que a sua falta de educação social não faça subverter a alta missão que nos impomos.

Esses povos, etnológicamente diferentes do continental, com indústrias muito próprias, são os únicos competentes para resolver os seus problemas e dado o ostracismo a que teem sido votados, um dia compreenderão que só com a sua acção podem contar, para efeito imediato, muito embora possam antecipadamente esperar o incondicional apoio da organização da metrópole, motivos porque a esta, possuidora da esperiencia que a prática lhe deu, se impõe o dever de os organizar e preparar para a luta social que se trava na Europa, abandonando a solidariedade meramente platónica que lhe tem dispensado para enveredar abertamente pela intensificação da propaganda sindicalista nessas regiões, criando e robustecendo os seus sindicatos e federações, convocando os seus congressos profissionais e regionais, dando-lhes emfim uma organização completa, com as suas Centrais de Sindicatos, para que amanhã, estejam preparados para receber e manter o regime social porque lutamos e que tam perto se distingue.

Para essa obra podem desde já, a convite da Confederação, contribuir muitos militantes conscientes que nessas regiões se encontram, realizando a sua primeira parte que é a propaganda para o robustecimento e criação de novos sindicatos e federações de indústria, concluindo-a aquela com a convocação dos Congressos para a criação dos centrais e o envio de uma missão incumbida de lhes imprimir a orientação sindicalista semelhante à adoptada pela organização do continente.

O problema da organização operária nas colónias tem ainda outro aspecto que por ser de caracter internacional convêm ser ventilado no Congresso Internacional de Amsterdam.

Portugal, bem como outros países, possue pequenas colónias isoladas entre outras sob o domínio doutros países. Para o efeito da remodelação social que a próxima revolução vai operar, muito conviria agrupar nas várias centrais, os povos de determinadas regiões embora de países diferentes.

Essa organização, além de ser lógica pela conveniência social que encerra, seria a mais formal demonstração do espírito anti-patriota do proletariado universal.

Terminando, propomos:

1.º — O secretariado da Confederação Portuguesa, dividindo as colónias por [illegible] em quatro zonas sindicais a [illegible] res, Africa Ocidental, Africa [illegible] estabelecendo as suas [illegible] centros e agregando [illegible] ções que a *Interna*[illegible] indústria, estabele-

neles residentes, incumbid[illegible] sionar a respectiva organiz[illegible] no mais breve espaço de t[illegible]

2.º — O secretariado, [illegible] ração, convocará o [illegible] nais e enviará uma [illegible] que lhes proporá a [illegible] de Sindicatos absolutam[illegible] mas, imprimindo-lhes a o[illegible] Confederação.

3.º — O delegado ao Cong[illegible] nacional de Amsterdam o [illegible] ternacionalização sindical [illegible] e conseqüentemente a [illegible] comissão incum[illegible] determinando quais os agrupa[illegible] sindicais autónomos nas colóni[illegible] povos aderentes.

Lisboa e séde da Associação [illegible] se dos Operários Encadernado[illegible] Anexos, 30 de Junho de 1919.

A Direcção. — *Manuel C. A[illegible] Carlos dos Santos, Celestino M[illegible] tias, Victor Correia, Delfim de [illegible] Pinheiro*, relator.

Presados congressistas. — Ante a rea[illegible] lização do 2.º Congresso Operário Na[illegible] cional, promovido e organizado [illegible] U. O. N., não podia a Associaçã[illegible] Classe dos Litógrafos do Porto, re[illegible] sentada pelos seus corpos dire[illegible] ficar inactiva em face dessa t[illegible] tante reünião, onde sem dúv[illegible] ser tratados todos os assunto[illegible] operariado interessam.

Nesta conformidade, afigu[illegible] esta Associação não ser simple[illegible] bastante o fazer-se representar [illegible] Congresso, mas sim, e em seu me[illegible] vêr, julga imprescindivel subme[illegible] criterioso estudo desta reünião de [illegible] dutores, um assunto que reu[illegible] incontestavel vantagem, — um [illegible] ferido — para toda a família o[illegible]

Tem-se nestes últimos temp[illegible] ridos, assistido a um consta[illegible] classe trabalhadora, mór[illegible] ter estalado a terrível hec[illegible] durante cinco anos assolou [illegible] muito principalmente quand[illegible] se começou a sentir os seus [illegible] nais efeitos, motivado ao [illegible] proceder de todos os pote[illegible] terra.

Essa agitação, que de [illegible] muito concludente dem[illegible] maioria das vezes, a inquebr[illegible] lidariedade que a classe [illegible] vai demonstrando nos se[illegible] reivindicadores. serviu [illegible] po de incentivo e pr[illegible] vas lutas, que impre[illegible] se operária tem c[illegible] usufruindo novas e [illegible] incontestavelmente [illegible]

De todas as rei[illegible] mais tem empenhad[illegible] dora é a elevação [illegible] — como é do conh[illegible] para contrabalanç[illegible] bida dos géneros r[illegible]

Os resultados [illegible] torna descrevê-los in[illegible] balho, visto que todos [illegible] mui de perto conhecem o[illegible] que, seja lícito esclarecer, em [illegible] nada tem melhorado a triste[illegible] vida de todos nós.

Uma das causas que [illegible] julga muito contribuir p[illegible] balhadores vejam sempr[illegible] çamentos familiares um [illegible] a dia mais se eleva, é [illegible] *rem salário aos dom[illegible] dos.*

Incompreensível s[illegible] necessário consumi[illegible] organismo [illegible] ne, se não [illegible] ainda [illegible] abrind[illegible] esta [illegible] ligiad[illegible] qualqu[illegible] riado.

Urge [illegible] inibidas

Protestando contra a intervenção na Rússia

Uma acção internacional

SOUTHPORT, 28.

Os representantes das agrupações operárias britânicas, francesas e italianas, assistiram à conferência consultiva e decidiram, de comum acôrdo, organizar uma demonstração geral como protesto contra a intervenção dos aliados na Rússia.

A manifestação realizar-se há nos dias 20 e 21, tendo por objectivo procurar evitar a adopção, por parte dos governos europeus, de uma política reaccionária na Europa.

Cada país deverá decidir se a manifestação terá só um carácter politico ou comportará a acção sindicalista.

Congresso Nacional Metalúrgico

Em virtude dos diversos conflitos que se teem dado nos principipais centros metalurgicos do país, originados principalmente pela teimosia dos industriais do Porto e Gaia em não querer conceder o regulamento das 8 horas e bem assim pelo *lock-out* dos industriais de Lisboa, que bastante tem prejudicado o bom andamento dos trabalhos do Congresso, não pode êste realisar-se, como estava anunciado, antes do Congresso Nacional Operário. A comissão, porêm, continua trabalhando para, no mais curto praso de tempo, levar a efeito o mencionado congresso, de onde sairá a Federação Corporativa da Indústria de Metalurgia em Portugal, que virá certamente [illegible] dece[illegible] organização operária, dada [illegible] importância da indústria e o grande [illegible]

UMA BRILHANTE EXCURSÃO

De Setúbal a Cesimbra

Em homenagem à BATALHA

Êste delicioso passeio marítimo, promovido por uma comissão de dedicados camaradas das associações operárias de Setúbal, em homenagem à *Batalha*, cujo produto líquido reverterá a favor dêste jornal e dos deportados da greve de Novembro último, está despertando na família operária setubalense um extraordinário entusiasmo.

A excursão realizar-se há, como temos dito, no próximo domingo, sendo empenho da comissão promotora, secundada por vários elementos sindicais, imprimir a esta festa de solidariedade, de tão nobres intuitos, um cunho de singular brilhantismo de molde a deixar, em todos os excursionistas, as melhores impressões.

Nunca, como agora, se manifestaram tão frequentemente as iniciativas operárias, no sentido de prestar solidariedade àqueles que dela necessitam. E a iniciativa agora tomada pelos camaradas de Setúbal é absolutamente digna do auxílio de todos quantos compreendem o dever de dar a solidariedade máxima aos deportados e contribuir para o progresso do órgão operário.

Passeio fluvial a Vila Franca

A comissão promotora dêste passeio, realizado em 15 de Jun[illegible] próximo passado, aclara o[illegible] resultante [illegible] 400$00.

RASSE Soirée elegante
A 2.ª jornada de
AVENTURAS DE MACISTE
4 partes—Romance de Glória, 9.º e 10.º episódios
11.º e 12.º de O ROMANCE DE GLORIA

que o
que
a sua
l con-
como por
bricantes de
etc., pois que
de empreitada,
mos cumpre o dever
a mais viável de po-
ectivo dêste trabalho.
a êste modesto traba-
avelmente tem de me-
e a ponderação de to-
icatos profissionais, êste sin-
cnuar, suavisar mais um pouco
nte vida que a classe trabalha-
arrostando e que se aproxima

m indestructível dever se nos
Arrancar por todas as for-
mo de regalias, desfrutando
bem estar para todos nós.
sta Associação de parecer,
ta realização desta regalia:
n este congresso seja apro-
lução de todas as classes ao
m, aos seus respectivos in-
elhoria de situação, inclúam
a seguinte;
ra que os operários ganhem os se-
s semanais, não obstando a isso a
sagem de qualquer dia consi rado
ado;
—Que ao próprio Est aça
ate
nte-
tante
possí-
qualquer
desta im-
avel reclamação.
mo de 1919.—A As-
de Classe dos Litógrafos do

dem dos trabalhos do Congresso

—Sessão de abertura, às 11
isão de mandatos; discussão
ento, nomeação de nova
a e discussão dos relatórios
s administrativas das 1.ª e
la U. O. N.
, às 21 horas: Discussão do
e Estatutos da Confederação
ortuguesa.
3.ª sessão, às 10 horas: Dis-
Sôbre as relações inter-

1 horas: Discussão da
icatos Mistos, de In-

sessão, às 10 horas: Dis-
teses *Organização Operária*
ias e *Reformas imediatas*, a
a Associação dos Encaderna-
Lisboa e a segunda da Asso-
Empregados do Estado.
21 horas: Discussão de
vários sindicatos;
eação do Comité Confederal, en-
mento do Congresso.

stórica cidade de Coimbra vai re-
dentro em breve, em seu seio,
representantes do operariado orga-
do português. E, pelas notícias re-
das daquela cidade, verifica-se que
om natural ansiedade que o opera-
do dali se prepara para receber con-
dignamente os seus camaradas de todo
o país que ali vão a convite do seu mais
alto organismo operário, a U. O. N.,
reunir em congresso, que será, sem dú-
vida, o mais importante de quantos se
em efectuado, importante não só pelo
lor dos seus componentes, mas tam-
m pelos trabalhos a discutir e que
um novo campo aberto para o
olvimento da organização operá-
uguesa.
é assunto desconhecido que a
N. dará lugar à Confederação
uesa do Trabalho.
dentemente que não será, apenas,
mudança de nome, mas sim o re-
ecimento de que, julgando a U. O N.
cumprido a missão para que tinha
criada, é indispensável levar a
m outro organismo, com novos
ente em novas bases, que preen-
fim, as necessidades do grave
o que passa.

* * *

adesões últimamente recebi-
comissão organizadora, figu-
mas, ainda, que, a despeito
tidas recomendações já feitas,
enchem as condições que cons-
circular enviada em 17 do mês
neste jornal também publi-

or descuido ou propósito,
icatos, ao participarem à co-
sua adesão ao congresso, es-
de a fazer acompanhar da
ota de adesão e das despe-
m o delegado a Amster-
outras o nome de dois
do são aceites, apenas,
otação, um ou três.
s resultará, afinal, a
os trabalhos ou o seu
comissão bem deseja

do serão publicados
os os sindicatos ade-
so, quais os seus de-
das importancias re-
l.
vai principiar a enviar
ssociações aderentes os car-
identidade dos seus delegados
ente com as teses.
representar a classe da Carris de
ongresso Nacional, foi no-
marada António da Silva,
ção do camarada anterior-
ado, visto não ser, actual-
egado na Companhia Car-

de metais

ravessa do Bem-

FO
ática para
ência de
G. 10.

As greves

Cerâmicos de Sacavem

A greve dos camaradas cerâmicos desta localidade continua sem solução, sendo o entusiasmo inquebrantável dos grèvistas, a mais segura garantia da sua vitória. De nada valerá ao reaccionário industrial a traição de alguns operários mais inconscientes; êsses operários nada poderão fazer, desde que a maioria dos grèvistas não retome o trabalho e isso está garantido que não acontecerá. A minoria que agora se apresentou, por não ter a suficiente coragem de manter-se ao lado dos seus camaradas, terá de abandonar novamente a fábrica porque, o seu labor dependendo do labor de todos, não produzirão êsses operários o trabalho necessário a dar à fábrica a menor aparência de normalidade.

A defecção parcial que se deu agora é a resultante duma permanência de mais de 50 dias de gréve, em que todos os operários teem passado a mais negra miséria. Assim, muitas energias se teem quebrado, principalmente entre o elemento feminino, o que menos habituado está a estas lutas e no qual o espirito de rebeldia não é tam acentuado como nos homens.

O proprietário da fábrica, porêm, brinca com a vida dos que trabalham, não se importando que os que lhe encheram as algibeiras rebentem com fome.

No domingo, os grèvistas realizaram uma sessão de propaganda, em que diversos camaradas discursaram e em que se resolveu manter a mesma atitude enérgica, até vitória final.

Condutores de carroças

Reuniram-se em assembleia geral, tendo falado vários camaradas. Depois de larga discussão foi resolvido entregar a solução do conflito à União dos Sindicatos.

Também ficou resolvido que toda a classe acompanhe hoje, pelas 15 horas, ao cemitério oriental, o camarada *Meialua*, assassinado cobardemente, em Xabregas, pelo *amarelo* João Ferreira.

O funeral sai hoje da morgue às 15 horas prefixas.

No momento em que entrava na sala o representante de *A Batalha*, foi êste vitoriado com grande entusiasmo.

E' necessário dizer-se que a classe dos condutores de carroças está fortemente unida para a luta.

Ao final da sessão foram erguidos muitos vivas à União dos Sindicatos, à *A Batalha* e à greve.

Marceneiros

Na assemblea de grevistas, ontem realizada, foram apreciados os documentos apresentados pelo industrial António Baptista. Pelos empregados dêste senhor foi comunicado ser menos verdadeira a afirmação que fez, de os ter aumentado, pois não receberam tal aumento a que se julgam com direito.

Como haja quem duvide da veracidade das adesões que a classe tem recebido, dos industriais, estão patentes na sede os documentos comprovativos, para quem quizer verificar.

Assistiu á reünião o secretário geral da U. S. O., que saudou a classe pela firmeza de que tem dado provas, na luta empreendida com os industriais e da qual saírá vencedora.

A assemblea saudou os camaradas deportados, regressados à metrópole, e lançou na acta um voto de sentimento pelo falecimento do camarada José Bernardo, nomeando-se uma comissão para se incorporar no funeral, que se realiza hoje, às 16 horas, da rua do Arco do Carvalhão, para o cemitério dos Prazeres.

Estão à venda, na sede, as rifas de uma carteira de senhora, oferecida pelo camarada Frederico Morais, revertendo o produto para auxílio dos grevistas mais necessitados.

A' assemblea foi comunicado que os camaradas presos na Costa do Castelo, serão hoje julgados pelas 12,30.

A sessão de àmanhã realiza-se às 16 horas, reünindo as comissões às 7,30.

Nota picaresca:

Como o camarada Emílio Gomes dos Santos tivesse oferecido cem pães aos marceneiros mais necessitados, foram três camaradas buscar os pães, que para a associação foram transportados em três sacos. Os polícias, ao ver os sacos de pão, ficaram alarmadíssimos e, daí a pouco lá os tinhamos, a passar uma busca porque, para a associação tinham ido uns sacos com bombas! Calcule-se a cara com que os agentes ficaram, quando verificaram a natureza das *bombas*.

Muito espertos...

Na notícia da sessão dos operários marceneiros anteontem realizada e que êste jornal publicou no seu número de ontem devia ler-se: que foram notificadas as adesões, por Santos Aranha, dos industriais Francisco Silvério e António Baptista e não conforme saiu.

Também na carta enviada por aquela associação a *O Combate* e que ontem reproduzimos houve um lapso, pois o compositor omitiu esta parte essencial, ao ponto em que se fala do chapeu: "onde momentos depois a mesma comissão o encontrou ensinando um intruso a assentar ferragem num móvel".

Os ferroviários

O que há?

Procurámos, durante a tarde de ontem, saber o que de positivo havia sôbre o conflito latente entre o govêrno e os ferroviários da C. P., mas até às 19 horas nenhuns informes conseguimos obter sôbre a marcha do movimento. Foi-nos dito, todavia, que uma comissão se avistaria ontem mesmo com o respectivo ministro, e que, só depois, a classe resolveria definitivamente o caminho a seguir. A hora para essa entrevista, porêm, não estava ainda marcada, esperando-se a todo o momento a respectiva comunicação.

Lavra grande ar
cto nada estranh
mas as regalias p
camaradas lutam

Movimento gráfico

A questão dos jornais

Encontra-se na situação anterior a questão suscitada entre as empresas jornalísticas e os seus respectivos quadros tipográficos.

A comissão executiva da Federação do Livro e do Jornal tem constatado a forma porque conseguem sair as várias edições da *Imprensa*, sendo deplorável que o govêrno denotasse uma parcialidade absoluta no conflito, pondo-se ao lado de empresas particulares, fornecendo-lhes operários-fardados que só a disciplina militar consegue dêles o fraco trabalho que essas emprêsas diáriamente fornecem ao público.

Acresce ainda a circunstância de que essas empresas se vêem na contingência de pagar a cada tipógrafo, militar ou policia, a quantia de 5 escudos, por noite de trabalho, quando é certo que a uns três *amarelos* que trabalham em certa *Imprensa* sòmente lhes pagam a quantia de 3 escudos, facto êste para motivo de regosijo por parte dos operários conscientes como ainda para que os traidores vejam que nem sempre os seus actos inconscientes são, pelos que do seu trabalho carecem, condignamente pagos.

Por forma que, verificando a Federação do Livro e do Jornal que êsses jornais só conseguem publicar-se pela forma acima apontada, tenciona, logo que oportunidade se lhe ofereça, entrevistar o presidente do actual ministério àcêrca de tam grave assunto.

Ontem, recebeu a Federação o seguinte convite:

Ministério do interior.—Repartição do gabinete.—Serviço da República.—Lisboa, 30 de Junho de 1919.—Ex.ma Direcção da Federação do Livro e do Jornal.—Ex.mos senhores: Desejando s. ex.ª o sr. presidente do govêrno ouvir a opinião da Federação do Livro e do Jornal sôbre a questão da imprensa, roga a v. ex.as se dignem de àmanhã—1 de Julho—pelas 22 horas, mandarem a êste ministério um representante dessa prestimosa Federação.—Saúde e Fraternidade.—O chefe do gabinete, (a) *Alberto Xavier*.»

A êste convite imediatamente a Federação acedeu, enviando ali 3 representantes seus que não puderam ser recebidos devido a motivos imprevistos haverem determinado a ausência do presidente do ministério, à hora anunciada, ficando o chefe do gabinete de comunicar à Federação do Livro e do Jornal nova entrevista.

Casas de obras

Realizou-se ontem, pelas 15 horas, uma assemblea dos quadros das casas de obras, aonde se apreciaram assuntos de carácter reservado e sôbre os quais se tomaram deliberações.

—Termina hoje, às 16 horas, a distribuição de subsídios aos grèvistas, e locoutados das casas de obras, inscritos para a 1.ª semana de greve, considerando-se como tendo desistido de receber, todos os que até à hora marcada não tenham camparecido a reclamá-los.

—Hoje devem realizar-se na sede federal reüniões para os diversos quadros, sendo anunciadas no «placard» da sede, na T. de Agua de Flor, 55.

Devem comparecer hoje, pelas 9,30, no jornal *Avante!*, a fim de executarem a sua composição, os camaradas: João Baptista Nogueira, Jacinto Lobo, Lúcio Coelho Dias, José Garcez, Joaquim Ribeiro, António Costa, Francisco Rodrigues e Francisco Alves. Passada uma hora, e não comparecendo algum dos escalados, consideram-se nomeados os seguintes camaradas: Júlio Libânio dos Santos, Alvaro Nóbrega, José Duarte Senha e António Damásio.

Ramo de fotografia

Ao convénio do salário mínimo e das oito horas de trabalho apresentado ao patronato da indústria fotográfica pela Federação Portuguesa dos Trabalhadores do Livro e do Jornal aderiram já os srs. Vasques, Lazarus, Luís Rocha, Ricardo Barros, Cruz, Marques Cruz Ltd.ª, Teodósio de Carvalho, Ernesto de Carvalho, Francisco Castro, José Maria da Silva, Oliveira & Filho, Gonçalves e os proprietários das fotografias Brazil, Royal Foto e Francesa, esta última do sr. Bitard.

Na reünião dos srs. industriais fotógrafos, realizada em 22 de Junho, à qual assistiram apenas uns vinte e tantos dos referidos cavalheiros, foi proposto pelo industrial Filipe do Nascimento que não se ligasse a mínima importância ao convênio e à Associação dos Empregados de Fotografia, com o que a assemblea não concordou.

O sr. Filipe do Nascimento é um intruso na fotografia e, profissionalmente, pouco ou nenhum valor possue, valendo-lhe os empregados seus auxiliares para dar conta do seu recado.

A sua atitude para com o pessoal fotográfico em luta, indigna e revolta, tanto mais que êle foi por muito tempo um dos menos hábeis empregados da fotografia Serra, donde saiu para estabelecer-se na calçada de Santo André.

Torna-se por conseguinte necessário que o sr. Nascimento, que não quere reconhecer a Associação dos Empregados de Fotografia, não seja reconhecido como industrial fotógrafo pelos operários e respectivas famílias que pretendam tirar o seu retrato e que não devem ajudar quem não quere ajudar o seu pessoal e está concorrendo para a demora da boa solução do convénio.

Pelo exposto recomenda-se a todos os operários conscientes que passem de largo pela fotografia do sr. Nascimento, na calçada de Santo André, onde há outros estabelecimentos fotográficos cujos proprietários, pelos menos, ainda não desconsideraram o seu pessoal nem a respectiva Associação como o fez o sr. Nascimento, com a agravante de falar em nome de diversos industriais que não compareceram na referida reünião e que não autorizaram o dito sr. a falar em seu nome o que, também, sendo revoltante, representa um abuso de confiança que reforça a necessidade de fazer *boicotage* ao sr. Nascimento, que é o único patrão que, até hoje, tem incorrido nesse merecido castigo.

Os camaradas fotógrafos em luta, além das adesões acima indicadas contam com outras, só demoradas po um mal entendido que se tem dado da p te dos patrões fotóg

Teatro São Luís
Emprêsa Alves Coelho & C.ª
Depois de àmanhã, Sexta feira, 4
1.ª representação da revista em 2 actos e 13 quadros, original de Eduardo Schwalbach, com 45 números de música dos maestros Del-Negro e Alves Coelho
O Pé de Meia
Lugares para todos os preços desde 20 centavos

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.—Afim de tratarem da propaganda para a organização do Congresso Nacional desta Indústria, a realizar em Coimbra ainda êste mês, partiram, no sábado, dois delegados para o Sul, tendo ontem marchado dois para a região do Norte e outros dois para o Centro do país.

—Afim de tratar assuntos que dizem respeito a trabalhos que êste organismo vai encetar, pede-se aos camaradas que fazem parte da regulamentação dos referidos trabalhos para comparecer hoje na Federação, pelas 20 horas.

—Hoje deve reünir, pelas 21 horas, a comissão administrativa, devendo amanhã reünir o Conselho Federal para tratar de assuntos de urgência.

Avisam-se os delegados da comissão permanente que devem estar hoje, pelas 14 horas, na Federação, a fim de lhe ser comunicado um caso urgente a tratar.

Pessoal Assalariado do Depósito de Fardamentos.—Reüniu ontem esta classe na sede da associação do Pessoal do Arsenal do Exército, estando a sala repleta. Debateu-se o caso do despedimento de alguns camaradas e, depois de acalorada discussão, foi resolvido ficar-se em sessão permanente até liquidação do caso.

Mecânicos em madeira.—Reüniu a comissão do aumento de salário, para apreciar as respostas dos industriais àcêrca das circulares que lhe foram enviadas, tendo-se constatado que os industriais continuam com o mesmo processo de não se incomodar, nem ter a delicadeza de escrever para a associação, participando as suas resoluções.

A comissão, atendendo ao reduzido número das respostas às circulares, resolveu ir esta semana colher essas respostas verbalmente, para vêr qual o caminho que a classe deve seguir.

Caixeiros de Lisboa.—Este organismo resolveu aderir ao Congresso Nacional Operário, nomeando seu delegado o camarada Francisco Rodrigues Loureiro.

Empregados da Carris de Ferro.—Reüniram ontem, em assemblea geral, para tratar da melhoria da sua situação económica e dos trabalhos a apresentar ao II Congresso Nacional Operário. Depois de terem usado da palavra vários camaradas, sôbre a ordem dos trabalhos, foi nomeada a seguinte comissão para ir junto da direcção da Companhia, saber a resolução desta sôbre o pedido de aumento de salário, ha tanto tempo prometido: António da Silva, Armando Martins, Claudio dos Santos, José Henuriques Nogueira e Carlos Fortes.

CONVOCAÇÕES

Catraeiros do Porto de Lisboa—Reúne hoje a assembleia geral, pelas 19 horas.

Polidores de Moveis—Reúne hoje em assembleia magna, pelas 21 horas, para tratar do conflito da firma Guilherme e Ferraz e do delegado ao congresso de Coimbra.

Sindicato Unico Metalúrgico—Reúne hoje, pelas 20 horas, o Conselho Técnico e de Melhoramentos, devendo comparecer os delegados de todas as secções.

Continúa aberta, das 20 horas em diante, a inscrição dos operários metalúrgicos sem trabalho.

Pessoal Assalariado do Depósito de Fardamentos—Reúne hoje, pelas 17 horas, para tratar do assunto pendente da passada reünião: despedimentos arbitrários.

Constructores de Macadam—Reúne a Direcção desta classe, no próximo dia 3 do corrente, pelas 20 horas, para se efectuar a posse dos novos corpos gerentes.

Associação dos Soldadores de Almada—Reúne no próximo domingo, às 13 horas, para tratar de assuntos de alto interesse para a classe.

U. S. O. de Almada—São convidados a reünir extraordinariamente, hoje, os delegados a esta União, a fim de se tratar de assunto urgente que se prende com a greve dos camaradas farinheiros.

Serventes de Pedreiros e Estucadores—A Direcção convida os camaradas que fazem parte da comissão para o benefício em favor do sócio n.º 1, a reünir hoje, às 21 horas, na séde da Associação.

Pessoal Extraordinário dos Tabacos—Reúne hoje a assembleia geral dêste sindicato, pelas 19 horas, para ultimar trabalhos pendentes da última assembleia.

A comissão delegada dará explicações sôbre uma circular afixada nas fábricas sôbre a questão dos lucros e aumento de salário.

Prisão de dois delegados operários

Noticiáva há dias o *mascarado* da rua Formosa que haviam sido presos, no Pôrto, dois sindicalistas de Lisboa. Supunhamos que se tratasse de qualquer informação falsa, mas ontem recebiamos nesta oficina a notícia de que haviam sido efectivamente detidos naquela cidade dois delegados da Associação dos Operários Vidreiros da Amora, que sabiamos terem partido para o Pôrto em serviço do seu sindicato profissional.

Esses nossos camaradas chegaram tem a Lisboa, sob prisão, tendo dado rada no calabouço da esquadra do minho Novo, onde permanecem à a a que escrevemos.

Vamos procurar inquirir do motivo sua captura, embora estejamos cer- que se tra a uma nova violência

Pró-gráficos

Continuamos hoje dando à estampa a lista dos donativos recebidos, na sede da União dos Sindicatos Operários, pelos representantes dêsse organismo e das Federações de Indústria:

Transporte, 264$65

Carpinteiros de Moldes do Arsenal de Marinha, 5$00; Obra do Liceu Pedro Nunes, 3$35, Oficinas da Vacum Oil Company, 2$25, Operários da Fábrica Gaumont, $75, Obras do Liceu Pedro Nunes, 4$27,5, José Figueiredo, $50; Oficinas da Carris de Ferro, 4$06, Angelo da Silva, $50, Um anónimo, $10, Três metalurgicos, $26, Artur Dias, Luís Silverio, Aires, $30, J, S., 1$01, Dois anónimos, $20, Polidores de Moveis, Casa Soares, $75, Operários Carruageiros, $40, Um pregueiro da Casa Chak, $25, Carteiro 176, $50, Francisco Valerio, $50, Matos Pintor, $25 Dois construtores de Macadam, $50, Operários Colchoeiros, $20, Associação da Imprensa Nacional, 2$25,5, Um grupo de operários da obra Craveiro Lopes, 1$84, Um grupo de Operários da construção civil, rua do Seculo, 178, $90, Pessoal da Tipografia América, $35, José Lourenço Ferreira, $07,5, Pessoal da Casa Francisco Simões, $05, Pessoal da Casa Julio Gomes Ferreira (S. Tiago), 5$06,5; José Ferreira Pintor, $50, Três carpinteiros, $20, Oficinas da Parceria dos Vapores Lisbonenses, 7$10, Pessoal das oficinas Zacarias, 1$00, Joaquim Pedro de Oliveira, $40, Pessoal da Sociedade Portuguesa de Automoveis, 2$30, Oficinas de Serralheiro da Fábrica de Electricidade, 1$67, Grupo 27 do Parque Eduardo VII, 1$05, Pessoal da oficina de ourives, rua da Trindade, 1$15, Um grupo de Operários da rua Julio Diniz, 1$75, Pessoal da Casa Hermann, 2$25, Pessoal construtor de Joaquim Tojal, rua do Ouro, 1$47,5, Mateus José Nogueira, quête, 1$25; Malaquias Bernardo, $35, Eduardo Ferreira e Alberto Fulgencio, $30.

Obra da Sé, 5$55; Oficina de Fernando Tozé, 4$50; Grupo 48 do Parque Eduardo VII, 1$45; Obra da Escola Normal de Bemfica, 10$10; Asilo da rua da Rosa, 205, 1$25; Um grupo de camaradas (José Pedro), 1$50; Obra dos Jerónimos, 4$21,5; Oficina de Carpinteiro de C. M. M. S. A., $82, António Mata, $10; Oficinas de Fundição do Arsenal de Marinha, $92,5; Pessoal dos Tabacos da "Régie", 21$40; Obra do Pôsto Marítimo—Desinfecção, 1$28; Um grupo de camaradas do Arco do Cego, $50; Quarta Camarata da Casa Pia, 2$84; Obra do Palácio Velho da Ajuda, 1$20; Obra do Hospital de Belém, $64,5; Dependências da Casa Pia, 1$97,5; Um marinheiro, $25; Carlos Simões e Joaquim Seabra, $20; Obras de Frederico da Cova da Moura, 1$47,5; Obras da Escola Naval, 5$10; Oficina da Garage Minerva, $90; Operários do Hospital Militar de Campolide, 4$50. Francisco dos Reis—Grupo 114 do Parque, 1$90; Oficina de carpinteiros—Frederico Ribeiro, 2$20. Carpintaria Progresso de José Passos de Mesquita, 2$97,5; Cooperativa dos canteiros, 1$25; Oficina do canteiro Rodrigues, $15; Oficina de carpintaria de Gomerzindo Vicente Peres, 3$27,5, Obra da rua Cinco de Outubro, $45, Obra da Basilica da Estréla, 1$45, Oficina de Alfredo Militão, $82,5, Quête tirada nos telefones, 3$17,5, Obra do mestre Vitorino, 1$75, Obra de Becieira do Campo Pequeno, $92,5, Obra das Necessidades, 1$62,5, Carlos da Silva Freixo, $80, Obra do Quartel de Marinheiros, 4$77,5, Um bolxevique, $30, Obras dos Asilos de Almirante Reis e Ajuda, 1$32,5, Trabalhos de António Laranjinha, 1$00, Um grupo de amigos do 'Baptistinha", 16$47,5, Grupo 85 do Parque Eduardo VII, $52,5, Obra da rua Cinco de Outubro, 2$90, Mário Joaquim Cardoso e António Cardoso, $50, António Nobre, $25.

Operários das obras de Lanceiros 2 1$67,5; Serafim Coelho quete $77,5; Operários do Instituto dos Mutilados da Guerra (Arroios) 2$10; Operários da obra da Rua Vasco da Gama 5$80; Boletineiro 165 $25, Obra dos Sapadores Mineiros 6$00, F. A. M. $65; Carpinteiros Navais a bordo do "Beira" $72,5; Agostinho da Silva e Jaime Cruz Simões $50, Operários serralheiros da oficina José Alves Sousa, $25, Quatro bolxeviques $40 Operários da obra da Rua Marquês Sá da Bandeira 2$60, Obra de Santos o Novo 1$00, Oficina da Carpintaria Elias Cohen 1$25; 2 Canteiros do monumento da guerra Peninsular $55; Mário Simões $25, João António Queiroz $15; Fábrica de sedas dos Armazens do Chiado 1$27,5; António Marques e João Correia $50, António Costa da Fotografia Fernandes $55, Domingos Correa $95, Eduardo L. Dias "Palácio de Belem" 1$62,5, Bairro Social do Arco do Cego 72$15 5 Obra das Cortes 5$02, Grupo de Beirolas $75, Obra de Albano J. $90, Obra de Salvador 7$77,5, Obra de E. Mota e de António Branco 3$32,5, Grupo 19 do Parque Eduardo VII 1$22,5, Tipografia Holandesa $55, Pessoal Maior e Menor dos Correios e Encomendas Postais 8$07,5, Obra Silva Almeida Avenida Almirante Reis $80, Casa Street 2$50, Oficina de Joaquim Tojal 1$95, Companhia dos Telefones 1$50, Casa Domingos Lavadinho 1$51, Pessoal Extraordinário dos Tabacos 18$51, Obra dos Transportes Maritimos $90, Asilo do Rato 2$48,5, Fábricas Grandela 5$09,5, Alfredo Rodrigues $10, Grupo 15 do Parque Eduardo VII 1$00, Operários Chapeleiros 5$65, Oficina de serralheiros de Augusto Dias $50, Edmundo Tavares $50, Tanoaria de Paiva e Barros (Pessoal) 1$65, Obra do Instituto Médico Pedagógico 1$30.

Pessoal da Sapataria Lisboa, $65; Pedro Pinto Albuquerque, $15; Pessoal da refinaria Colonial, 5$00; Pessoal da casa Alves, Avenida Almirante Reis, $40; Obra do forte de Monsanto, 1$20; Oficina metalúrgica, Portuguesa, 1$51,5; Manuel Joaquim Pires, $10; A. Brito, $50; 2 bombeiros, $10; Grupo 42 do Parque Eduardo VII, $90; Obra do convento do Desagravo, 1$52,5; Rufino dos Santos, $50, Anónimo, $10, António Martins Godinho (quête), $95, Obra do jardim Colonial, 4$13,5, Parque Silva Porto (serralheiros), 4$72,5, Jacinto do Carmo (quête), $55, David Fernandes, $20, João Dourado, $25, Rui Ferreira Paiva, $20, Carban do Arco do Cego, 3$00, José Lopes, $25, Manuel Rodrigues de Morais, $25, Ricardo Chamusca, $25, António Ferreira Carvalheira, $25, Pessoal da Cooperativa dos Chapeleiros, 1$36, João Joaquim de Oliveira, $25, Obra do castelo de S. Jorge, 1$35, Vitor dos Santos & Irmão, $30, António Teles, $10, Cabral, $75, José da Silva Frecho, $10, Francisco Carmo Monteiro, $15, Torcáto Alves Braga, $25, Gladstone Mendonça, $10, Polidores de móveis, comandita igualitária, 1$40, João Baptista Pereira, $10, Obra do Terreiro do Paço, 5$25, José Rocha, $25, Manuel Martins da Silva, $10, Adolfo Silva, $25, Pessoal menor da Cooperativa Militar, 1$35, Obras das encomendas postais, 1$05, Carlos Faria, de Setubal, $25, Um grupo de admiradores dos gráficos, 1$00, Guilherme Faria, $15, Teófilo Luís Esteves, $50

Total Esc. 769$30.

Conflito teatral

Continua a manter-se na mesma situação o conflito teatral suscitado entre as emprezas e a classe dos musicos portugueses, em virtude das suas justas reclamações.

Algumas emprezas teem já aumentado os preços de entrada, tornando-os exorbitantes, e fazendo constar que êsse aumento é para atender várias reclamações dos trabalhadores de teatro, quando tal não é verdade.

O que é certo é que o público está sendo vítima dêsse lôgro, pagando uma cadeira em qualquer teatro por um preço exageradíssimo.

Ainda ontem os músicos protestaram contra semelhante abuso afirmando a classe que não tem recebido benefícios com êsse "truc" das emprezas.

A atitude da classe dos músicos, que é a mais ordeira possível, está sendo muito louvada pelo público e certa a sua vitória.

Os grevistas, que se conservam em sessão permanente, também teem verberado a acção dos *amarelos*, cuja indigna atitude é castigada com a expulsão.

Foi muito comentada a conduta da nova *Imprensa*, que não se tem ocupado dêste assunto, sendo muito louvada *A Batalha* e *Avante!* pela defeza que tem tomado em pról dos legítimos interêsses da classe.

Hoje foi recebida uma carta do maestro Manuel Figueiredo, autor da música da peça *Míss Diabo*, confirmando a procuração dada ao sr. Alvaro Santos, e declarando que tinha sido ludibriado pelo emprezário Amarante. Essa carta faz revelações importantes àcêrca do caso da procuração, confirmando-a em absoluto, pelo que se conclue que as autoridades andaram de braço dado com o emprezário Amarante, pouco escrupuloso em mentir.

FACTOS DIVERSOS

Veiu a esta redacção queixar-se António Ferreira de Melo, condutor de carroças que foi despedido pelo proprietario de carroças, sr. Aires Machado, por andar tratando de se colocar na Companhia Carris de Ferro, não lhe pagando dois dias de trab que tinha direito.

OLIMPIA Desde as 2 horas da tarde
MATINÉE E SOIRÉE
AS ULTIMAS AVENTURAS DE MACISTE
2.ª jornada AS DESGRAÇAS DE GAVICHONI, 4 partes—No programa entre outros sucessos O ROMANCE DE GLORIA 9.º e 10.º episódios
A'MANHÃ ESTREIA dos episódios 11.º e 12.º de O ROMANCE DE GLÓRIA

Câmara Municipal de Lisboa

Organização dos serviços municipais

O vogal socialista sr. José Gregório de Almeida, na última sessão da comissão executiva disse ser indispensável a esta, para bem desempenhar o seu mandato, conhecer tanto quanto possível, exactamente, o estado de todos os assuntos camarários, considerando que não se encontra assinado um diploma que consubstanciasse as normas de organização e regulamentação dos serviços municipais, embora um projecto pessoal se encontrasse elaborado e disposições regulamentares existissem dispersas nas repartições mas não actualizadas e sem a devida correlação, o orador propoz: 1.º que se iniciasse imediatamente um inquérito aos serviços de todas as repartições e em geral aos assuntos que dissessem respeito aos haveres, receitas e despezas municipais, 2.º Que, sem prejuizo desse inquérito, até colhendo dêle valosos esclarecimentos, não aguardando no entanto as conclusões das investigações—a comissão executiva apreciasse o projecto de reorganização de serviços em tempo apresentado pelo vogal sr. Vladimiro Contreiras, ampliando-o no sentido de abranger o pessoal operário.

Outros assuntos

O sr. Paiva e Pona apresentou a proposta:

«Sendo informado que alguns membros da penúltima comissão administrativa têem instalado nas suas residências telefones pertencentes a esta Câmara, proponho que êsses mesmos telefones lhes sejam requisitados.»

Esta proposta foi aprovada por unânimidade, sucedendo o mesmo á s guinte como aditamento pelo dr. sr. Dagoberto Guedes:

«Que por todas as repartições da Câmara seja fornecida à comissão executiva uma nota de todos os telefónes requisitados pela Câmara para serviço camarário dos srs. vereadores e dos funcionários da Câmara.»

—Resolveu-se abrir concurso para o preenchimento de uma vaga de 2.º oficial existente no quadro da primeira repartição.

—Tendo a Câmara necessidade absoluta de instalar vários dos serviços no prédio, na propriedade sita na rua dos Cordoeiros, n.os 46, 48 e 50, o presidente da comissão executiva sr. Alberto Vidal propoz, fôssem avisados os seus moradores a darem devolutas as casas ocupadas no mesmo prédio, no fim do corrente ano.

Propoz mais que fôsse intentada imediata acção de despejo aos ocupantes do 2.º e 3.º andar, ambos do lado esquerdo, por êstes inquilinos nenhum contrato terem com a Câmara.

O II Congresso da indústria de sapataria, couros e peles

A comissão organizadora dêste Congresso trabalha activamente para que êle revista a máxima importância.

Enviou já circulares para as associações de Manufactores de Calçado e Curtidores do Porto, Guimarães, Alcanena, Lisboa, Braga, Coimbra, Vizeu, Portalegre, Evora, Viana do Castelo, Olhão, Faro, Lagos, Estremoz, Setúbal, Tomar, Cezimbra, Portimão, Povoa de Varzim, Vila do Conde, Penafiel, Lamego, Figueira da Foz, Alcacer do Sal, Loulé, Beja, etc.

A comissão recebeu algumas adesões para o referido Congresso, que se realiza em Coimbra, nos dias 17 e 18 do corrente.

Lembra, porêm, a todas as associações que não nomearam delegados até à data, que apressem essa resolução, enviando a sua adesão, para a rua do Arco do Marquês do Alegrete, 30, 2.º, Lisboa, para a comissão organizadora melhor coordenar os trabalhos do Congresso.

A todas as associações vão ser enviados os estatutos da Federação da Indústria, a fim de que os respectivos delegados as estudem convenientemente.

Núcleo Juventude Sindicalista

1.º Bairro—Na sua última reünião resolveu saudar os camaradas deportados, anteontem chegados à metrópole, fazendo votos para que êsses camaradas continuem a manter, perante os ataques de que fôrem vítima mesma atitude digna, que motivou a sua deportação

II Congresso da Construção Civil

Reüniu ontem a comissão organizadora do II Congresso Nacional da Construção Civil, dando despacho ao expediente, e registando a adesão de várias associações. Atendendo à escassês de tempo com que se luta para a realização do mesmo, avisam-se por êste meio as associações que ainda não deram a sua adesão, que o façam o mais breve possível, pois o prazo termina no dia 10 do corrente; conforme resoluções tomadas e publicadas na circular convocatória. Foram já enviadas as teses para as Associações do Norte e Sul do país, convidando a comissão organizadora qualquer Associação que por lapso não as tenha recebido a participá-lo para a sede da comissão, Calçada do Combro, 37-A, 2.º, Lisboa.

Correctivo merecido

Na obra do hospital do Destêrro apareceram uns operários que, entendendo não dever contribuir com o seu óbulo para auxiliar os camaradas da C. U. F., o que é indesculpável, começaram fazendo, entre os camaradas, acérrima propaganda para que o seu exemplo fôsse seguido.

O camarada Castela, percebendo-lhes o jôgo, aplicou-lhes o correctivo devido, acabando os homemsinhos por desistir do seu plano.

Sociedades de Recreio

Grupo Dramático e Musical Solidariedade da Construção Civil.—Este grupo realiza no dia 13 do corrente, pelas 21 horas, na sua sede, rua do Sol a Santa Catarina, 40, uma récita a favor do sócio dêste grupo, o camarada Manuel Ramos, que se encontra preso. Os bilhetes para êste benefício encontram-se à venda a começar de hoje, na sede dêste grupo, todas as noites das 21 às 23.

A direcção do grupo pede a todos os camaradas da Construção Civil o seu auxílio a favor dêste camarada.

A 6.ª Repartição do Registo

freguesias
ste agora
lima

Ultimas notícias

Os ferroviários da C. P. em greve

Nas linhas da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro foi declarada greve às 0 horas.

O movimento teve o seu início em Vila Nova de Gaia.

A sede do Sindicato Ferroviário da C. P. foi encerrada, pelos corpos gerentes após os comités de greve terem recolhido aos locais préviamente designados.

Uma arbitrariedade

Procurou-nos ontem Maria do Ro rio, mãe de Manuel Mendes Lourenço actualmente prêso na fortaleza de Miguel (Loanda), queixando-se de tendo sido seu filho detidò em 31 Janeiro de 1918, seguiu para Africa dia 2 de Fevereiro do mesmo ano.

Apezar dos códigos não permitir a deportação quando não haja, menos, três condenações, o infeliz, apenas foi condenado uma vez, todo o pêso duma cruel iniqüidade mais se faz sentir, certo sendo que foi cometida sem que lhe fôsse no cada a culpa.

OS QUE MORRE

FALECIMENTOS

Faleceram e sepultam-se hoje as seg tes pessoas:

José Braz Barbosa, às 11, da travessa Palmeira, 70, D. Joana Olimpia Ro Saúde, às 14, da rua Renato Batista, D. Angela Maria, às 17, da travessa da bena, 15, Anselmo de Brito, às 17, da vessa da Memoria, 37, Eduardo Rodri Coelho, às 14, do hospital do Rego, D. ria do Carmo de Jesus, às 16, da rua A nio Pedro, 72, Francisco dos Santos deiro, às 16, da rua Marquês da Silva, D. Vitória Pereira Ferreira, às 16, da Sousa Martins, 97, José Brás Barbosa, 12, da travessa da Palmeira, 70; Ant Maria Cabaço, às 16, da Avenida da Li dade, 157, João Dias, às 14, da rua Co de Redondo, 13.

—Na sua residência, rua António Pe 72, rez-do-chão, faleceu Maria do Ca de Jesus, esposa do enfermeiro-chef enfermaria de S. João Baptista, do hos de S. José, Eurico de Jesus, e cujo fun se realiza hoje, saindo da residência p 16 horas.

T